

No dia 6 de dezembro a Editora Entrelinhas lançará a obra “Os vagalumes estão convidados”, de Irineu Berestinas e Márcio Florestan Berestinas. Haicais e poemas breves compõem as 3 partes em que o livro está divididos.

A arte e as ilustrações da talentosa Ruth Albernaz sobrepõem as poesias, conectando os momentos emancipados pelos haicais às sublimes representações da natureza e à exaltação da variedade das formas de vida.

O trabalho de ambos, pai e filho, pela ordem, está “eivado” de singularidades. Cada um por si. Somente a última sessão, “raspando o tacho”, é que foi elaborada a duas mãos. Ideias buscadas no varejo do mundo, no passeio existencial. Não trabalham por atacado, preferem lidar com as miudezas de almas em trânsito.

Troca de sugestões, palavras acrescentadas, fluência da colaboração. Isso foi constante entre ambos.

Essa colaboração descortinou caminhos para a superação das dificuldades que o fazer poético encerra, ainda mais quando se trabalha com o poema breve, simplificado.



O haicai, na origem, por exemplo, trouxe uma dificuldade inseparável, pois a fórmula dos três versos (o primeiro e o terceiro de cinco sílabas, e o segundo de sete sílabas, no modelo de sílabas que não o nosso), é intrinsecamente embaraçosa, nada fácil de resolver, já que essa receita ordena toda a construção, uma camisa de força irremovível.

Matsuo Bashô, o samurai que a ele se dedicava e mestre desse ofício, fazia tal construção, porém com rigorosa facilidade, ao fotografar singularidades na natureza, mas era um caso de vocação pessoal e cultural.

Tais procedimentos são milenares, integrantes da cultura japonesa, divulgando o que o tempo consagrou, sob os ares dos samurais, do xintoísmo, do zen budismo, da cerimônia do chá e do Teatro Nô. Quando o Japão começou a dar passagem também aos valores do Ocidente, Akira Kurosawa, um dos grandes cineastas do cinema de séc. 20, contra esse fato se insurgiu e tentou dar cabo à própria vida mais de uma vez, como forma de protesto.



Transportada a ideia do poema breve, para o Brasil, expressando uma síntese, nós demos um jeito de fazer à nossa maneira. Brasileiros que somos, não abandonamos esse hábito.

O rigor já não existiu tal qual se conhecia. Exemplificamos. Vejam Millôr Fernandes. Ainda, e por nossas afinidades paranaenses, recorreremos a dois cultores do haicai, de grande fama e sabedoria. Paulo Leminski, com seus deboches e sacadas, é leitura necessária para quem pretende conhecer o poema breve, eis que Leminski era, simplesmente, um artista desse mister, agravado da sabotagem que fazia ao verso açucarado. Por sua vez, a sua companheira Alice Ruiz S, do mesmo modo, esbanjava algo mais. São autores de merecimentos tantos, que não podem ficar fora da nossa lista.



E, por falar no Paraná, vai um pouco mais do nosso empenho: Helena Kolody foi uma grande poeta, de haicais também, mas, com mais afinco, dedicada ao verso... verso, de poucos voos fora dessa rota. Um talento incomparável a poetisa curitibana, não de nascimento, mas de sequências...



Já em terras Mato-Grossenses, na confluência de encantadores biomas e sob o calor da convivência com a sua gente, o saudoso poeta e escritor Ivens Cuiabano Scaff e Ruth Albernaz cederam aos encantos de noites enluaradas e à concisão dos haicais, brindando-nos com Haluraes, em que os versos dialogam em fina sintonia com a proposta minimalista de traços elaborados artisticamente a bico de pena.

De lá extraímos: “alcoviteira, discreta/cúmplice no céu/lua de mel” e “companheira/caminha com os viajantes/lua estradeira.

Em meio a isso, cá estamos nós nessa árdua tarefa de fazer poesia na esteira do poema breve, na busca de uma síntese de momentos. De tudo isso, levamos adiante a compreensão de que os versos devem ter relação com a vida, seja em uma qualquer das suas formas.

Ao que poderiam dizer, e o haicai japonês? Não é caso de ser considerado à parte, porque a natureza também é vida, expressão dos deuses, como pensam os xintoístas? Ora, pois... É vida dignificada por sua pureza e emanação que advém.



Nesse virar de páginas, cuidemos para não exagerar nos sentimentos e razões pessoais. Sobre isso, é bom recordar um dos poemas de Irineu Berestinas, do livro "Aflições a Descoberto": "Recado aos poetas - Não faz do verso um puxadinho das tuas ocasiões/Pensa no verso que arde na fogueira da própria lenha". Seguiu às margens da poesia de Carlos Drummond de Andrade, especialmente no seu poema "Procura da Poesia". Um chamado genial do grande mestre Drummond. Não poderia passar despercebido.

Não nos passa a ideia de chatear os leitores com as nossas angústias e frustrações pessoais, e mesmo deslumbramentos, ainda mais quando passam dos limites. Moderadamente, entendemos que até pode ser..., porque cada um de nós encerra a variedade do mundo.



A poesia é, sobretudo, um gesto de generosidade, ao trazer para o palco da escrita cenas que vêm de longe. Poetas, pensem o mundo na sua grandeza, tanto quanto o fez Jorge Luis Borges, em seu conto "O Aleph", que ali, num casarão velho de Buenos Aires, prestes a ser demolido, conseguiu fotografar os tempos e o mundo num único instante.



Assim é a vida, não conseguimos nos livrar do perene, dissolvê-lo por nossa conta. Ele está presente nas viagens das gerações. Nestes versos, a nossa pretensão segue esclarecida: por meio do poema breve, alguns até a guardar semelhança com o haicai abasileirado, resultamos abraçar o cotidiano, as suas miudezas e coisas grandes a assombrar a alma, e com ele passear, sem nenhum temor. A quem se interessar por esta obra, desejamos boa sorte. É o mais que podemos! E, como as narrativas estão em baixa, vamos ficar por aqui mesmo... antes que seja tarde demais!

*Dos Berestinas Irineu e Márcio.*